

# *Meme War*. Contribuições para o debate sobre os novos movimentos sociais

Gislene Moreira Gomes

## Resumo

Recentemente, as redes sociais emergiram como principal suporte dos movimentos sociais e as plataformas tecnológicas foram apontadas como palco privilegiado. Este trabalho retoma o debate das Ciências Sociais sobre atores, estruturas e mudança social, a partir da relevância assumida pela comunicação no cenário das mobilizações contemporâneas. A ideia é contribuir no aprofundamento analítico destas novas formas de ação política a partir de uma revisão conceitual entre os paradigmas comunicacionais e as teorias dos movimentos sociais. A principal aposta é de que, em detrimento da pouca atenção dada à comunicação pelas teorias dos movimentos sociais, a complexidade da imbricação entre as TICs e a incidência política confunde e redefine o próprio conceito de ação coletiva e eleva a comunicação à condição de movimento social. Neste sentido, as interpretações destes novos movimentos *on-line* passam necessariamente pelas teorias comunicativas, o que deve provocar releituras em ambas as áreas.

### Palavras-Chave

Novos Movimentos Sociais. Comunicação.  
Redes Sociais.

## 1 Introdução

Em junho de 2013 o Brasil foi surpreendido por uma série de manifestações públicas que seguiram as demandas do Movimento Passe Livre.<sup>1</sup> Desde então, a sociedade tenta compreender estes protestos. Variadas tentativas de respostas indicam as novas tecnologias, em especial as redes sociais como o Facebook e o Youtube como o grande diferencial.

Essa onda de movimentos sociais *on-line* não é uma exclusividade brasileira, tendo sido recorrente o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) em várias outras experiências globais recentes, como na Primavera Árabe (2011), no *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos (2011), nos Indignados na Europa (2012) e no Movimento 1,2,3 no México (2012).

A Mídia Ninja,<sup>2</sup> que no auge das manifestações brasileiras chegaram a picos de audiência de 120 mil telespectadores, batizou o uso deliberado das tecnologias nestas ações como uma *Meme War*.<sup>3</sup> Meme é o término utilizado para descrever

a imagem, conceito ou pensamento publicado virtualmente e que se “viraliza” ou populariza rapidamente na internet, como nas redes sociais. Em sua maioria, são vinculados à publicidade e aos jogos eletrônicos batizados de “Guerra de Memes”. Para os Ninjas, o termo foi ressignificado para expressar a batalha dos movimentos sociais na web, onde a comunicação é tanto a principal arma como o cenário da guerra. Será então que as lutas dos movimentos sociais se converteram em *games* virtuais?

Este artigo toma como ponto de partida esta ideia de *Meme War* para provocar aproximações reflexivas entre as teorias dos movimentos sociais e os paradigmas da comunicação, na tentativa de ir além da mera descrição dos usos das TICs como estratégia de mobilização coletiva.

A relevância desta revisão teórica justifica-se pela retomada do debate nas Ciências Sociais sobre a capacidade de agência dos novos movimentos na transformação das estruturas sócio-políticas a partir do uso das TICs. Manuel Castells (2011), em análise sobre a Primavera Árabe batizou essas

lutas emergentes de “wikirevoluções”, apostando na capacidade de uso massivo das novas tecnologias para derrubar regimes autoritários. Maria da Glória Gohn (2013) identificou que o saber se comunicar *on-line* foi a principal ferramenta de articulação dos “ciberativistas”. Desde a comunicação, John Downing (2010) tenta explicar o fenômeno das redes de comunicação móvel e sua capacidade de convocação de multidões instantâneas.

Fluidez, fragmentação, volatilidade das mobilizações, descentralização (ou horizontalidade) das lideranças, pluralidade de vozes e diversidade de objetivos e bandeiras são algumas das características atribuídas aos movimentos surgidos desde o final dos anos 1990, quando se deu o *boom* da internet (COSTANZA-CHOCK, 2006). Desde então, as imbricações entre as TICs e a ação coletiva se tornaram cada vez mais amalgamadas. Mas não estariam as redefinições dos novos movimentos sociais se confundindo com o prenúncio de McLuhan indicando os meios como extensão da ação coletiva?

**1** Em junho de 2012, o Movimento Passe Livre realizou uma série de protestos em São Paulo contra o aumento de R\$0,20 na tarifa de ônibus. Apesar da forte repressão, em poucos dias as manifestações atingiram números multitudinários e se espalharam por todo o país, incorporando outras demandas, como o fim da corrupção e questionando os gastos exorbitantes com a Copa do Mundo 2014.

**2** Grupo de jovens que ficou conhecido no país inteiro depois dos protestos de junho por usarem smartphones e tecnologias virtuais para divulgar as notícias das mobilizações desde a perspectiva dos manifestantes. Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Ver mais na entrevista de Torturra e Capilé (2013) e na *fanpage* <<https://pt-br.facebook.com/midiaNINJA>>.

**3** Depoimento do Ninja Tiago, na Conferência TICs e Novos Movimentos Sociais realizada no Curso de Jornalismo em Multimeios na Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 16 de outubro de 2013.

Com a ideia de contribuir neste debate para além de um relato histórico-descritivo dos usos midiáticos, este trabalho propõe uma revisão dos marcos conceituais das duas áreas e aposta que as estratégias comunicativas sempre estiveram presentes no pensamento sobre a ação coletiva, mas que a compreensão da comunicação desde o pensar os movimentos sociais esteve restrita a uma posição coadjuvante e a visões instrumentalistas.

## 2 Entre fronteiras e conceitos

Desde a Revolução Francesa, quando multidões saíram às ruas provocando mudanças irreversíveis, intelectuais tentam encontrar respostas sobre os processos de mobilização social e as possibilidades de mudança das estruturas desde a ação coletiva dos indivíduos (McADAM; TARROW; TILLY, 2001). O que é um movimento social?<sup>4</sup> Como surgem? Porque surgem? Como se organizam? Foram algumas das questões que tomaram conta do debate.

Primeiramente é importante destacar que este trabalho não trata de buscar uma definição dos movimentos sociais,<sup>5</sup> nem tampouco tem a

pretensão de esgotar os questionamentos sobre o tema. O que estas linhas colocam em evidência é que, entre as perguntas fundadoras, estavam também as dúvidas sobre o papel da comunicação e da cultura na constituição desses movimentos.

Não por acaso, os mesmos autores deram os primeiros aportes aos estudos da sociedade de massas, fundando tanto os estudos dos movimentos sociais, quanto os primeiros passos do debate sobre o papel da mídia massiva.<sup>6</sup>

Em seus estudos sobre as origens dos movimentos sociais ingleses, Markoff (1996 apud TILLY; WOOD, 2009) defende que as primeiras mobilizações no século XVIII foram possíveis devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Downing (2010) aposta que a história dos *nanomeios* vem desde os folhetos da Reforma protesta na Alemanha e das piadas e canções das Comunas de Paris.

Mas ainda que a relação entre comunicação e mobilização social não seja exatamente uma novidade, até o momento ela não havia assumido um papel relevante na teorização dos movimentos sociais. Para fins analíticos, resgataremos esta

<sup>4</sup> Apesar da polissemia do termo, entende-se movimento social como uma forma de ação coletiva e que decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural (TILLY; WOOD, 2009, p. 14).

<sup>5</sup> Sobre o tema já existe uma vasta literatura, a exemplo de Gohn (2001).

<sup>6</sup> Sociologia das Mobilizações, de Le Bon (1895), e o trabalho de Ortega y Gasset (1926), discutiram os instintos e comportamentos irracionais das massas (MARTÍN-BARBERO, 1993).

relação a partir da clássica das teorias nas correntes neoutilitarista, histórico-estrutural e cultural-identitária (GOHN, 2012).

Acreditamos que cada uma das vertentes interpretativas dos movimentos sociais tem posturas, princípios metodológicos e supostos fundamentais que se vinculam facilmente com alguma das abordagens dos estudos da comunicação. Desde essa correlação, esperamos encontrar possibilidades meta-analíticas que ampliem o debate das TICs na ação coletiva contemporânea.

## 2.1 A abordagem neoutilitarista em paralelo com o Paradigma Funcionalista

A abordagem neoutilitarista também conhecida como institucional, organizacional ou comportamentalista é considerada a corrente dominante na interpretação politológica do fenômeno das ações coletivas e tem como ênfase a questão econômica como chave para o entendimento das mobilizações. As teorias da ação coletiva, da mobilização de recursos e de estruturas de oportunidades políticas tendem a identificar como os indivíduos autointeressados se organizam e mobilizam coletivamente para satisfazer necessidades e constituir demandas (COSTANZA-CHOCK, 2006).

Na escola norte-americana, representada em nomes como Diani e McAdam (2003), por exemplo, a principal preocupação é com os contextos políticos, ou seja, as instituições e organizações que estruturam a mobilização social, entendida como estratégia pragmática ou oportunidade de ação. Mancur Olson desenvolveu interpretações matemáticas sobre a lógica da ação coletiva junto aos bens públicos, teorizando sobre os ganhos e perdas individuais que motivavam a participação coletiva. De uma maneira geral, a abordagem neoutilitarista se desdobra da sociologia sistêmica de Merton e Talcott Parsons, que na dicotomia ação x estrutura, privilegiaram a interpretação de que os sistemas prevalecem sobre a agência dos indivíduos (GOHN, 2012).

Merton e Parsons também desempenharam um papel fundamental nos estudos da comunicação social, exercendo grande influência na Escola Funcionalista,<sup>7</sup> que defende a função social dos meios como estratégia de difusão massiva. Paradigma hegemônico na área, a abordagem difusionista defende que um emissor envia mensagens a receptores através da mídia. Segundo esta corrente, os meios são ferramentas capazes de causar efeitos públicos consideráveis, medidos quantitativamente através das audiências (WAISBORD, 1999).

<sup>7</sup> Os Estudos Funcionalistas são pioneiros na área da comunicação e se dedicaram, principalmente, aos impactos e funções dos meios de massa na sociedade moderna do início do século XX. Destacaram-se autores como Merton, Lasswell, Lazarsfeld e Lerner. Mais em WOLF, 2005.

Esta fé incondicional no poder dos meios se consolidou nos anos 1960, com o trabalho de Marshall McLuhan (1996), que defendeu os meios tecnológicos como criadores de uma nova “Era Eletrônica” e de constituição de uma “aldeia global”. Esta abordagem tende a ressurgir cada vez que criada uma ferramenta tecnológica nova, como nos estudos de Pierre Lévy (2000) sobre a cibercultura, que defende que as tecnologias digitais somadas a novos sistemas culturais estão construindo uma “Sociedade Digital”, com impactos nas relações sociais, na economia e inclusive na política.

Esta extensão da sociedade digital atinge, portanto, aos movimentos sociais. A preponderância dos meios permeia diversos trabalhos neoutilitaristas que abordam a comunicação. Keck e Sikkink (1998) descreveram um longo histórico das redes internacionais de movimentos sociais, recuperando a ação globalizada nas lutas contra a escravidão e nos movimentos proletário e feministas, etc. E apontaram que a diferença das redes contestatórias contemporâneas consiste na quantidade, intensidade e velocidade destas redes, incrementadas pelo crescimento exponencial das TICs.

Castells (2002), considerado um neoutilitarista que aborda os movimentos sociais a partir da formação das identidades políticas, tem se destacado por indicar que a acelerada convergência tecnológica, somada a um processo

irreversível de informatização total, constituiu uma “Sociedade em Rede”, na qual os movimentos sociais lutam para construir redes alternativas. Para ele, os usos das novas tecnologias e da internet são o grande diferencial dos movimentos sociais da atualidade, e as redes “altermundistas” influenciam a constituição dos atores, discursos e articulações destes movimentos.

Tilly e Wood (2009) inserem o debate neoutilitarista dos movimentos sociais em uma perspectiva histórica, argumentando que se trata de uma construção social e política que evolui lenta e progressivamente desde o século XVIII, e que, portanto, incorporam os elementos de fazer política pública característicos dos novos tempos, entre eles os meios. Nesse sentido, a comunicação entra como instrumento de visibilização das demandas, como estratégia do repertório de ação destes movimentos e como espaço de manifestação da relevância da causa, conforme se apreende da citação abaixo:

Esta construção política combina três elementos: (1) campanhas de reivindicações coletivas contra as autoridades afetadas. (2) um repertório de ações para levar a público essas reivindicações, como associações, concentrações públicas, declarações na mídia, etc. (3) Manifestações públicas sobre a relevância, a intensidade e o compromisso da causa. Dou a essa construção histórica o nome de movimento social. (TILLY; WOOD, 2009, p. 28-29, tradução nossa).

Em todos os autores citados anteriormente se percebe que a abordagem sobre a comunicação na interpretação neoutilitarista dos movimentos

sociais fica restrita ao uso dos meios como ferramentas de suporte à mobilização coletiva, reproduzindo a abordagem funcionalista da comunicação e enfatizando uma visão tecnicista.

Esta aproximação entre as duas abordagens hegemônicas, a neoutilitarista na Teoria dos Movimentos Sociais, e a funcionalista nos estudos da Comunicação aponta “coincidências” paradigmáticas entre ambas. As duas escolas optam pelo olhar descritivo dos fenômenos, buscam os efeitos (dos meios ou da política) em indivíduos atomizados, priorizam as metodologias quantitativas e tem como centro da abordagem na crença no poder das instituições (midiáticas ou políticas).

Nesta lógica de movimentos sociais, a comunicação não pode ir além de um instrumento de acesso ao poder e a inserção do debate comunicacional na análise dos movimentos se constrói como uma descrição histórico-instrumental.

## 2.2 A corrente histórico-estrutural e suas aproximações ao Paradigma Crítico

A corrente histórico-estrutural dos estudos dos movimentos sociais se situa na outra ponte do debate estrutura x atores, privilegiando a ação dos sujeitos na transformação da sociedade.

Inspirada na tradição marxista, aponta ao proletariado como movimento social concreto e contextualiza as lutas dentro de cenários históricos concretos, como no caso do jornalista e historiador britânico Edward Thompson (1963), que reescreveu a luta dos trabalhadores ingleses nos séculos XVIII e XIX.

Esta opção sofreu fortes influências do marxismo-humanista,<sup>8</sup> que tem no filósofo italiano Antonio Gramsci seu principal fundador. Em sua vertente interpretativa dos movimentos sociais, contou com nomes importantes na tradição crítica dos estudos culturais como Raymond Williams (2008). A cultura é entendida como elemento de construção e disputa pela hegemonia, e neste processo, tanto os movimentos sociais como a comunicação se constituem como parte da luta pela construção e reprodução do pensamento dominante.

A hegemonia inclui tanto fatores políticos e econômicos, quanto culturais. [...] Em seu sentido mais amplo, é especial importante em sociedades em que a política eleitoral e a opinião pública são fatores de peso e onde a prática social se considera dependente da aceitação de certas ideias dominantes que, na realidade, expressam as necessidades de uma classe dominante (WILLIAMS, 2008, p. 160, tradução nossa).

Frente às estruturas dominantes, resta aos movimentos sociais a construção de um discurso

contra-hegemônico, visto que a mídia de massa é parte inerente dos equipamentos culturais de reprodução do pensamento dominante e de alienação da classe trabalhadora.

Essa vertente analítica também esconde uma opção política que vincula o debate acadêmico a uma das estratégias de disputa hegemônica. A maioria dos autores desta corrente são intelectuais orgânicos, como Marilena Chauí, Octavio Ianni e Emir Sader, importantes intelectuais engajados no Brasil.

Outro enlace muito forte acontece com o Paradigma Crítico nas Ciências da Comunicação, que interpreta aos meios como instrumentos de disputa pela hegemonia. Em particular, estes estudos se concentram na Economia Política da Comunicação, que trata do estudo das relações sociais, principalmente das relações de poder envolvidas na produção, distribuição e consumo dos meios (MOSCO, 1996). Nos anos 1970, esta corrente foi fundamental nas discussões da Unesco sobre a concentração midiática nos Estados Unidos e fixou o debate em torno de políticas nacionais de comunicação na América Latina (REBOLÇAS, 2006).

Faz-se necessário advertir que em sua versão latinoamericana, estes trabalhos se configuraram

como interpretações mestiças, incorporando heranças da Escola de Frankfurt, da Teoria da Dependência,<sup>9</sup> entre outros, e desenvolveu métodos de pesquisa-denúncia e pesquisa-ação.<sup>10</sup>

Em contraposição aos modelos autoritários dos anos 1970/1980, o Paradigma Crítico Latinoamericano centrou suas apostas no enfrentamento ao Estado e à dominação política dos meios privados. Prevaleceu, então, uma ruptura radical com os meios hegemônicos, mas persistiu uma visão utilitarista da mídia alternativa como parte do repertório de ação dos movimentos para a tomada do poder.

### 2.3 A corrente culturalista-identitária e os estudos da recepção

A corrente Culturalista-identitária busca respostas conciliatórias para a dicotomia atores x estrutura através da aposta nos movimentos sociais como uma construção simbólica. O debate gira em torno de múltiplas identidades políticas constituídas a partir dos conflitos cotidianos.

Essa leitura se fundamenta no giro-linguístico, que desde finais dos anos 1950 vem construindo respostas não-totalitárias e para além dos discursos únicos, afirmando a pluralidade de

9

Corrente sócio-política que contextualizou a hegemonia como parte de um processo geopolítico de dominação dos Estados Unidos e aliados sobre a América Latina.

10

Para os fins didáticos deste trabalho, deixamos para o item posterior, os estudos da comunicação popular e comunitária ainda que, de alguma medida, vinculados com o Paradigma Crítico.

atores ou sujeitos que compõem os movimentos sociais. Habermas é considerado um dos fundadores e sustentáculo desta vertente desde que situou a ação dos movimentos dentro dos marcos do direito e da democracia. Para o filósofo alemão, o grande desafio dos movimentos sociais é a ampliação dos horizontes democráticos ao “mundo da vida” (HABERMAS, 2012).

Em termos gerais, essa matriz trata da emergência e constituição de novos sujeitos, temáticas e práticas, anteriormente invisibilizados da cena pública, como mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência etc. A grande afirmação dos culturalistas-identitários é a pluralidade de espaços, vozes e discursos, representados por uma ampla gama de movimentos sociais que se constituem na busca por direitos. Portanto, os movimentos sociais são vistos como produtores de significados políticos (GOHN, 2012).

Em síntese, os movimentos sociais não são o resultado da ação coletiva de indivíduos que racionalmente se organizam para satisfazer suas necessidades, nem tampouco se restringem à classe trabalhadora empenhada em fazer revolução. Eles são parte de construções políticas cotidianas, que surgem desde a negação coletiva da cidadania, alargando as fronteiras da democracia através da incorporação de novos sujeitos, práticas e demandas.

Primeiramente, situamos esta como corrente como herdeira da Sociologia da Ação, com a qual

Max Weber buscava atribuir um sentido à ação dos indivíduos, destacando que o interesse do pesquisador deve se concentrar na interpretação dos significados e conteúdos simbólicos da ação. No entanto, é interessante observar que esta leitura abriga autores com horizontes muito distintos.

Em sua versão mais clássica, tem representação tanto nas Ciências Políticas, com nomes como Bobbio e Arendt, quanto na Sociologia, com destaque para Giddens e Bourdieu. Abarca ainda intelectuais como Alan Touraine, considerado a representação marxista nesta corrente, e acepções mais radicais como Slavoj Žižek. Outra influência importante, ainda que menos comentada, é a de filósofos como Zigmund Bauman e seu conceito de modernidade líquida, muitas vezes utilizado para explicar a fluidez, volatilidade e mobilidade dos movimentos sociais. No Brasil, são intelectuais que afirmam a construção identitária dos movimentos, autores como Evelina Dagnino e Arturo Escobar.

Em nossa aproximação com os Paradigmas da Comunicação é inevitável vincular a representação clássica desta corrente com os Estudos da Recepção Latinoamericanos, em particular ao trabalho de Jesús Martín-Barbero e seu conceito de Mediação que começou a se fixar no final dos anos 1980 como vertente que identificou significados diversos nas leituras das classes populares para as mensagens massivas.

Para além de dominação ou recepção passiva, Barbero buscou os sentidos da recepção,



descobrimo que nos espectadores há possibilidade de resignificação, apropriação e resistência às mensagens emitidas pela mídia massiva, permitindo entender que o consumo também esconde múltiplas interpretações. Esta releitura significou a possibilidade de ocupar a também a mídia massiva com contradiscursos, explorando suas contradições internas.

Essa resposta dos Estudos Culturais Latino-americanos sintetizou tanto uma crítica ao pessimismo da Escola de Frankfurt e do Paradigma Crítico, quanto uma crítica ao funcionalismo utilitarista, ampliando essa desconstrução a uma crítica à perversidade dos discursos únicos, que filosoficamente impunham respostas monolíticas e totais para um conjunto muito heterogêneo de possibilidades. Ela faz parte da afirmação pós-colonialista na Ciência da Comunicação, buscando afirmar as mestiçagens, ou hibridismos latino-americanos.

Situamos também nesta aproximação à corrente Cultural-identitária os estudos da comunicação popular ou comunitária que desde os anos 1970 tratam de entender e legitimar os meios alternativos. Ainda que muito vinculado ao Paradigma Crítico da Comunicação, esse recorte didático pareceu necessário para diferenciar os estudos que se centraram na denúncia das estruturas de dominação dos meios, daqueles que optaram por ir além da crítica, construindo possibilidades de transformação social através da mídia e valorizando a comunicação

horizontal e comunitária para além da ação operária. Em grande medida, se fixaram dentro dos limites da participação democrática (PERUZZO, 1998).

É importante destacar que, em especial os estudos da mídia alternativa se constituem, em sua maioria, de desdobramentos da ação de movimentos sociais. Sua consolidação como linha de pesquisa na comunicação acontece posteriormente à emergência do fenômeno na América Latina, e apostam na construção de vias comunicativas alternativas, em especial de uma comunicação horizontalizada, em lugar da transmissão e reprodução massiva de ideias.

Como fruto de uma enorme diversidade de experiências e projetos políticos, coexistem nesta linha uma multiplicidade de termos, incluindo desde a mídia revolucionária e radical, à mídia livre, às práticas de afirmação identitária, à comunicação para a transformação social e até mesmo a publicidade e campanhas de massa para temas sociais, conhecida como “marketing social” (MOREIRA, 2011). Na citação abaixo, Downing (2010, p. 6, tradução nossa) apresenta uma proposta de nomenclatura inovadora que vincula comunicação alternativa e movimentos sociais como pressuposto básico.

O termo que eu prefiro é *meios de movimentos sociais*, porque atrelo estes projetos de comunicação aos movimentos sociais de todo tipo, sejam grandes ou pequenos, construtivos ou repressivos, etc. [...] Mas tenho de reconhecer que será muito mais difícil definir estes meios

que aos meios estabelecidos, cujas formas, gêneros e estruturas organizativas são, em comparação, bastante limitadas.

Apesar da pluralidade deste universo, em comum, os trabalhos na área expandem o paradigma crítico da comunicação, porque, em geral, não consideram a mídia massiva como inimiga, mas parte de um processo contraditório de construção das mensagens e conteúdos, sinalizando que os hibridismos conceituais, na prática, são muito mais complexos.

Diante deste panorama conceitual traçado, se evidencia que a comunicação não passou despercebida das teorias dos movimentos sociais e que as aproximações entre as duas áreas são possíveis e podem ampliar a compreensão do fenômeno. Mas apesar destas múltiplas possibilidades de conexões, o assunto não foi alvo de um esforço interpretativo mais amplo, tendo ocupado sempre uma posição pouco destacada.

O resultado dessa lacuna é que agora, quando a convergência tecnológica e os movimentos sociais apontam a rumos que fundem as duas áreas, as tentativas de interpretação parecem apressadas e de horizontes limitados. O risco é que na busca por respostas-prontas, o debate se restrinja às visões hegemônicas, o que tende a fixar a reflexão na lógica instrumental-pragmática e ignorar as múltiplas possibilidades de interpretação da comunicação como possibilidade de transformação social.

### 3 Cenários de uma *Meme War*

Iniciamos este texto com a apresentação do termo *Meme War* como a cara da nova geração de lutas sociais cibernéticas. Amparados na revisão anterior, que interpretações foram construídas para explicar estas batalhas?

Neoutilitaristas como Castells perceberam o cenário como uma nova era em que a expansão das tecnologias na política gera as *Wikirevoluções*. Estas interpretações tendem a descrever as alterações mais significativas e ajudam a compreender os usos das novas ferramentas mobilizadoras. Para fugir da crítica vincula essa interpretação à abordagem tecnicista, o próprio Castells respondeu os manifestos digitais não bastam para convocar as pessoas. A adesão a esses movimentos depende das condições de recepção e da identificação dos receptores com a mensagem.

Costanza-Chock (2006) reconheceu que esses novos movimentos representam uma maior horizontalidade comunicativa. E Gohn (2013) constatou que o BlackBerry e o iPhone foram as principais ferramentas de ciberativismo, sendo incorporados ao perfil do ativista.

Para os histórico-estruturalistas, a batalha na web é vista de maneira mais apreensiva. Marilena Chauí considera que os protestos brasileiros não reascendem aos movimentos sociais. As

manifestações foram espetáculos isolados de demandas fragmentadas das classes médias, que com base num “pensamento mágico”, se dissociaram das lutas históricas e da política para exigir soluções “no apertar de um botão”, como nos *games* virtuais.

Na mesma linha, o antropólogo Hermano Viana (2013) declarou-se assustado ao perceber que as redes sociais se configurem como principal palco das manifestações, considerando o Facebook uma plataforma privada com pretensões de espaço público. Chico de Oliveira (2013), influente intelectual da esquerda, foi ainda mais dogmático e considerou as manifestações de junho como uma onda espasmódica e ignorou o papel das tecnologias e redes sociais no protesto.

Aproximando o debate das Ciências da Comunicação, César Bolaño (2013) relacionou a mobilização das redes sociais com a luta de classe. Com base na história, contextualizou a internet como uma tecnologia originada na lógica militar norte-americana que assumiu funções econômicas e de manutenção da hegemonia estadunidense. A preocupação de Bolaño se dirige tanto ao uso monitorado e limitado de uma tecnologia privada, quanto à incorporação da lógica publicitária, voltada para a simplificação dos conteúdos, nos complexos processos de transformação social.

Outra questão importante é a retomada do debate sobre as políticas de comunicação e regulação midiática, a exemplo de Fônseca (2013), que

problematiza sobre a continuidade e futuro das mobilizações brasileiras, em um cenário de concentração da mídia. A pergunta que se impõem refere-se à constituição e legitimidade dos atores políticos virtuais e sua capacidade de incidência pública a partir de plataformas tecnológicas privadas.

Em meio a polêmicas, estas análises críticas parecem frear o entusiasmo tecnicista frente à *Meme War*, mas também ampliam o horizonte interpretativo, agregando elementos como a economia, a história e as relações de poder. Essa abordagem ajuda a perceber as limitações macroestruturas da ação política virtualizada, em um cenário em que a exclusão digital, a primazia das lógicas do consumo e do capital, e o controle das redes não podem ser desconsiderados (LORENZOTTI, 2013a).

Entre os culturalistas-identitários, a *Meme War* é apresentada como um universo em construção e disputa, resultado da incorporação cultural das novas tecnologias como prática cotidiana de ativismo político. Para Zizek (2012), eles são fundamentais na constituição de novas identidades auto-organizadas e da radicalização democrática, ocupando até mesmo espaços privados, como o Facebook e Wall Street.

Para Lorenzotti (2013b), as redes sociais foram criadas nos anos 1980 pela contracultura libertária e os novos movimentos sociais resgatam as possibilidades alternativas nos

meios. Para ela, “Nesses tempos fora do eixo e de paradigmas, talvez seja este o embrião da nova mídia do futuro que já é hoje – uma POSTV feita por pós-jornalistas, para pós-telespectadores” (LORENZOTTI, 2013b).

Downing (2010) desenha este universo pós-moderno como um cenário dramático de “hidrodinâmicas”, com movimentos sociais líquidos, extremamente difusos e difíceis de conceituar e apreender. Para ele, estas novas formas de atuação rompem com o antigo conceito de comunicação comunitária (geograficamente limitado) e o associam à efervescência, imediatismo e indefinição da comunicação de rede.

Em síntese, esta corrente transita entre as ambiguidades de um fenômeno, visto como um período de rupturas típicas dos processos em (des)construção. Sendo assim, o ativismo cibernético é permeado de possibilidades e crises. Esta perspectiva agrega o simbólico e o discursivo como parte das ferramentas de análise da *Meme War* e permite vislumbrar que, para além da técnica e dos contextos, os atores vivenciam a experiência de maneira bastante dinâmica e indefinida.

Esta rápida mirada parece indicar que a disputa discursiva não se restringe aos movimentos sociais. Também as correntes teóricas lutam por afirmar seus pontos de vista. Mas a grande questão é que a realidade se alterou, novíssimos sujeitos entraram em cena, trazendo novas formas

de ação social coletiva e a necessidade das teorias também se ampliarem.

A aproximação entre comunicação e movimentos sociais provoca que desde o princípio, nas práticas das mobilizações, as duas áreas estiveram estritamente vinculadas, porque sem comunicação não se faz possível a constituição de sujeitos coletivos, muito menos se constroem processos organizativos e demandas públicas.

Mas se por um lado, as caricaturas de Rabelais na França já apresentavam os sinais dos vínculos entre mídia e transformação social, atualmente o cenário da convergência digital aponta para imbricações muito mais intensas, complexas e dinâmicas.

Dialogicamente, cada avanço tecnológico impactou aos movimentos sociais, e estes se apropriaram, reinterpretaram e construíram novos usos, meios e discursos que também afetaram os rumos das comunicações, revelando que este processo é uma construção social de mão dupla. O enlace entre a tecnologia comunicativa e a incidência política segue o curso da história, e cada geração de movimentos sociais tem seu próprio contexto de usos da comunicação.

É possível arriscar que o fenômeno das mobilizações digitais faz parte do universo de uma quarta geração comunicativa de movimentos sociais. A primeira se refere aos movimentos das primeiras revoluções e suas formas de comunicação espontânea, explorando

as primeiras linguagens, como a panfletagem, o teatro de rua etc. A segunda se pautou na polarização das forças frente a grandes inimigos totalitários (capital, nazismo, ditaduras etc.), na apropriação de tecnologias alternativas, como a imprensa panfletária e o rádio, e a crítica da mídia tradicional ou de massa. Pós-68, surgiu uma terceira geração com experiências mais amplas de contracultura, articulando variadas plataformas, linguagens e discursos, incluindo a publicidade, o audiovisual e os usos educativos da comunicação para afirmar direitos e sujeitos plurais.

Para compreender as dinâmicas desta quarta geração, há uma necessidade de interpretações para além dos modismos tecnológicos. A novidade não se concentra apenas em novas ferramentas, mas uma distinta cena pública em que a comunicação é a principal via de expressão e diálogo. No novo século, a conexão entre comunicação e política é um fenômeno-chave porque a *Meme War* reflete um modo de vida em que as novas gerações já não dissociam mais tecnologias e ação, e não por acaso o universo das imagens, dos *games* e da comunicação móvel são cenário e instrumento de batalha dos novos movimentos.

Eles compõem o cenário destes tempos do agora, e talvez não seja possível interpretar todo esse novo mundo que se apresenta com visões únicas. O que esta rápida e limitada revisão oferece é a composição de um quadro muito amplo de possibilidades de análise dos

processos contemporâneos de mobilização social virtualizados. Para perceber os matizes e aprofundar os contrastes ante um fenômeno tão complexo, nos parece fundamental situar os marcos-interpretativos. Ao fim, estamos apenas começando a entender as possibilidades e limites deste mundo dos movimentos sociais digitais, e nesse cenário, os vínculos entre as Ciências Sociais e as Ciências da Comunicação são mais que bem vindos.

## .Referências

- ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR A. (Org). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (Coleção Humanitas)
- BELTRÁN, L. R. **Las políticas nacionales de la comunicación en América Latina**. Paris: Unesco, 1974.
- BOLAÑO, C. **Indústria cultural: informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec: Polis, 2000.
- BOLAÑO, C. **Bolaño reflete sobre redes sociais e sua relação com a luta de classe**. 2013. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br/site/bolano-reflete-sobre-redes-sociais-e-sua-relacao-com-a-luta-de-classe/>>
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. A sociedade em rede, v. 1 São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2).
- CASTELLS, M. La wikirrevolución del jazmín. **La Vanguardia**, 29 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110129/54107291983/la-wikirrevolucion-del-jazmin.html>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

- CHAUI, M. As manifestações de junho na cidade de São Paulo. **Teoria e Debate**, n. 113, 27 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>>. Acesso em: 07 mar. 2014.
- COSTANZA-CHOCK, S. **Analytical Note: Horizontal Communication and Social Movements**. MIT, 2006. Disponível em: <<http://web.mit.edu/schock/www/docs/horizontal%20communication%20and%20social%20movements.pdf>>
- DIANI, M.; McADAM, D. (Ed.). **Social Movements and Networks: Relational Approaches to Collective Action**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- DOWNING, J. D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. Tradução de Silvana Vieira. São Paulo: Senac, 2002.
- DOWNING, J. D. H. **Nanomedios de comunicación**. Barcelona: Unesco, 2010.
- FONSÊCA, D. **Não dá para não ver: as mídias nas manifestações de junho 2013**. 2013. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.
- GOHN, M. G. **Sociologia dos movimentos sociais: indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe e mobilizações no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2013.
- GOHN, M. G. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GOHN, M. G. **História dos movimentos e lutas sociais**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- GOHN, M. G. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LORENZOTTI, E. **A revolução será pós-televisionada**. Observatório da Imprensa, n. 754, 10 jul. 2013b. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_revolucao\\_sera\\_pos\\_televisionada](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_revolucao_sera_pos_televisionada)>. Acesso em: 07 mar. 2014.
- LORENZOTTI, E. **POSTV, de pós-jornalistas para pós-espectadores**. **Observatório da Imprensa**, n. 752, 25 jun. 2013b. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv\\_de\\_pos\\_jornalistas\\_para\\_pos\\_tespectadores](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores)>. Acesso em: 07 mar. 2014.
- KECK, M. E.; SIKKINK, K. **Activists beyond borders: advocacy networks in international politics**. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1998.
- MELO, J. M. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. 3. ed. México: Gustavo Gili, 1993.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 8.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- MOREIRA, G. **Arepas, tortillas and beijús: Heterogeneity of communicative struggles in Latin America**. ALAIC: Journal of Latin American Communication Research, v. 1, n. 2, 2011.
- MOSCO, V. **The political economy of communication: rethinking & renewal**. London: Sage, 1996.
- McADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. **Dynamics of contention**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- OLIVEIRA, F. de. **“As manifestações não foram nada demais”, diz o sociólogo Francisco de Oliveira**. Entrevistador: Ricardo Galhardo. São Paulo, 07 jul.

2013. Disponível em: < <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-07-07/as-manifestacoes-nao-foram-nada-demais-diz-o-sociologo-francisco-de-oliveira.html>>

PERUZZO, C. M. K. **A comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

REBOUÇAS, E. Os estudos e práticas da economia (e da) política de comunicações na América Latina. In: SOUSA, H. (Org.). **Comunicação, economia e poder.** Porto: Porto Editora, 2006. p. 61-78.

TILLY, C.; WOOD, L. **Los movimientos sociales, 1768-2009: Desde sus orígenes a Facebook.** Madrid: Editorial Critica, 2009.

THOMPSON, E. **The Making of the English Working Class.** London: Victor Gollancz, 1963.

THOMPSON, E. **Customs in Common: Studies in Traditional Popular Culture.** London: Merlin Press, 1991.

TORTURRA, B.; CAPILÉ, P. Mídia ninja. Entrevista. Entrevistadores: Suzana Singer, Alberto Dines, Eugênio Bucci, Wilson Moherdau e Caio Túlio Costa. **Programa Roda Viva.** São Paulo, 05 ago. 2013, 22h. Duração 90 min. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

VIANA, H. Ilimitado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 jun. 2013. Disponível em: <<http://hermanovianna.wordpress.com/2013/06/29/ilimitado/>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

WAISBORD, S. **Family Tree of Theories, methodologies and strategies in development communication.** New York: Rockefeller Foundation, 1999.

WILLIAMS, R. **Palabras-clave: un vocabulario de la cultura y la sociedad.** Buenos Aires: Nova Visión, 2008.

WHITE, R. Contradições nas políticas contemporâneas de comunicação democrática. **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1-4, p. 110-128, jan./dez. 1985.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZÍZEK, S. Occupy Wall Street: what is to be done next? **The guardian**, 24 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2012/apr/24/occupy-wall-street-what-is-to-be-done-next>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

## ***Meme War: Contributions to debate about new social movements***

### **Abstract**

Recently social networks emerged as the main support of social movements and the technological platforms were identified as privileged scene. This work resumes the discussion of Social Sciences about actors, structures and social change, from the importance assumed by communication in the context of contemporary mobilizations. The idea is to contribute in strengthening analytical these new forms of political action from a conceptual review between the communicational paradigms and theories of social movements. The main challenge is that, at the expense of the little attention given to communication by theories of social movements, the complexity of the link between ICTs and the incidence policy confuses and redefines the concept of collective action and elevates the communication the condition of social movement. In this regard, the interpretations of these new movements online necessarily by communicative theories, which should cause reinterpretations in both areas.

### **Keywords**

New Social Movements. Communication.  
Social Networks.

## ***Meme War: Aportes al debate acerca de los nuevos movimientos sociales***

### **Resumen**

Las redes sociales apuntaron en el siglo XXI como el principal soporte de los movimientos sociales y las plataformas tecnológicas emergieron como arena privilegiada. Este trabajo rescata el debate de las Ciencias Sociales acerca de los actores, estructuras y cambio social, a partir del relieve de la comunicación en las movilizaciones contemporáneas. El reto es aportar para la profundización analítica de estas nuevas formas de acción política, haciendo una revisión conceptual entre los paradigmas comunicacionales y las teorías de los movimientos sociales. La principal apuesta es que la complejidad del fenómeno de convergencia entre las TICs y la incidencia política confunde y redefine el propio concepto de acción colectiva y eleva la comunicación a la condición de movimiento social. En este sentido, las interpretaciones de los movimientos on line pasan necesariamente por las teorías comunicativas, provocando relecturas en ambas áreas.

### **Palabras-Clave**

Nuevos Movimientos Sociales. Comunicación.  
Redes Sociales.



## Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | [www.e-compos.org.br](http://www.e-compos.org.br) | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.17, n.2, mai./ago. 2014.

A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

### CONSELHO EDITORIAL

**Afonso Albuquerque**, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**Alberto Carlos Augusto Klein**, Universidade Estadual de Londrina, Brasil  
**Alex Fernando Teixeira Primo**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Carolina Damboriarena Escosteguy**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Gruszynski**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Sílvia Lopes Davi Médola**, Universidade Estadual Paulista, Brasil  
**André Luiz Martins Lemos**, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
**Ângela Freire Prystion**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
**Antônio Fausto Neto**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Antonio Carlos Hohlfeldt**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Antonio Roberto Chiachiri Filho**, Faculdade Cásper Líbero, Brasil  
**Arlindo Ribeiro Machado**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Arthur Autran Franco de Sá Neto**, Universidade Federal de São Carlos, Brasil  
**Benjamim Picado**, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**César Geraldo Guimarães**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
**Cristiane Freitas Gutfreind**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Denilson Lopes**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Denize Correa Araujo**, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil  
**Edilson Cazeloto**, Universidade Paulista, Brasil  
**Eduardo Vicente**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Eneus Trindade**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Erick Felinto de Oliveira**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
**Florence Dravet**, Universidade Católica de Brasília, Brasil  
**Gelson Santana**, Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil  
**Gilson Vieira Monteiro**, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
**Gislene da Silva**, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
**Guillermo Orozco Gómez**, Universidad de Guadalajara  
**Gustavo Daudt Fischer**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Hector Ospina**, Universidad de Manizales, Colômbia  
**Herom Vargas**, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil  
**Ieda Tucherman**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Inês Vitorino**, Universidade Federal do Ceará, Brasil  
**Janice Caiafa**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Jay David Bolter**, Georgia Institute of Technology  
**Jeder Silveira Janotti Junior**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
**João Freire Filho**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**John DH Downing**, University of Texas at Austin, Estados Unidos

**José Afonso da Silva Junior**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
**José Carlos Rodrigues**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**José Luiz Aídar Prado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil  
**José Luiz Warren Jardim Gomes Braga**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Juremir Machado da Silva**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Laan Mendes Barros**, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil  
**Lance Strate**, Fordham University, USA, Estados Unidos  
**Lorraine Leu**, University of Bristol, Grã-Bretanha  
**Lucia Leão**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil  
**Luciana Panke**, Universidade Federal do Paraná, Brasil  
**Luiz Claudio Martino**, Universidade de Brasília, Brasil  
**Malena Segura Contrera**, Universidade Paulista, Brasil  
**Márcio de Vasconcellos Serelle**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil  
**Maria Aparecida Baccaga**, Universidade de São Paulo e Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
**Maria das Graças Pinto Coelho**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Maria Luiza Martins de Mendonça**, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
**Mauro de Souza Ventura**, Universidade Estadual Paulista, Brasil  
**Mauro Pereira Porto**, Tulane University, Estados Unidos  
**Nilda Aparecida Jacks**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Paulo Roberto Gibaldi Vaz**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Potiguara Mendes Silveira Jr**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil  
**Renato Cordeiro Gomes**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**Robert K Logan**, University of Toronto, Canadá  
**Ronaldo George Helal**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
**Rosana de Lima Soares**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Rose Melo Rocha**, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
**Rossana Reguillo**, Instituto de Estudios Superiores del Occidente, Mexico  
**Rousiley Celi Moreira Maia**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
**Sebastião Carlos de Moraes Squirra**, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil  
**Sebastião Guilherme Albano da Costa**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
**Simone Maria Andrade Pereira de Sá**, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**Tiago Quiroga Fausto Neto**, Universidade de Brasília, Brasil  
**Suzete Venturéli**, Universidade de Brasília, Brasil  
**Valerio Fuenzalida Fernández**, Puc-Chile, Chile  
**Veneza Mayora Ronsini**, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
**Vera Regina Veiga França**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

### COMISSÃO EDITORIAL

**Cristiane Freitas Gutfreind** | Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Irene Machado** | Universidade de São Paulo, Brasil  
**Jorge Cardoso Filho** | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil / Universidade Federal da Bahia, Brasil

### CONSULTORES AD HOC

**Adriana Amaral**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Alexandre Rocha da Silva**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Arthur Ituassu**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**Bruno Souza Leal**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
**Elizabeth Bastos Duarte**, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
**Francisco Paulo Jamil Marques**, Universidade Federal do Ceará, Brasil  
**Maurício Lissovsky**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Suzana Kilpp**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Vander Casaqui**, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

EDIÇÃO DE TEXTO E RESUMOS | Susane Barros

SECRETÁRIA EXECUTIVA | Helena Stigger

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Roka Estúdio

### COMPÓS | [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br)

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

**Eduardo Morettin**

Universidade de São Paulo, Brasil

[eduardomorettin@usp.br](mailto:eduardomorettin@usp.br)

Vice-presidente

**Inês Vitorino**

Universidade Federal do Ceará, Brasil

[ines@ufc.br](mailto:ines@ufc.br)

Secretária-Geral

**Gislene da Silva**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

[gislenedasilva@gmail.com](mailto:gislenedasilva@gmail.com)